

**O ENCONTRO ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO NO ROMANCE-
REPORTAGEM INFANTOJUVENIL, DE ADRIANA CARRANCA**

***THE MEETING BETWEEN LITERATURE AND JOURNALISM IN THE
INFANTOJUVENILE ROMANCE-REPORTAGEM, BY ADRIANA CARRANCA***

Marcos Paulo de Araújo Barros¹
Mestre em Comunicação Social
Universidade Federal de Juiz de Fora
(mp.araujo2018@gmail.com)

Marisa Aparecida Loures de Araújo Barros²
Pós-graduada (especialista) em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Universidade Federal de Juiz de Fora
(marisalouresmanu@gmail.com)

RESUMO: Este artigo tem a proposta de discutir de que forma se dá o encontro entre jornalismo e literatura no romance-reportagem infanto-juvenil **Malala, a menina que queria ir para a escola**, da colunista dos jornais **O Globo** e **O Estado de São Paulo**, Adriana Carranca. Acredita-se que, ao lançar mão de um texto mais subjetivo, próprio do universo literário, esquivando-se do discurso seco e imparcial, a jornalista ressignifica sua produção. Sem prejuízo da informação, humaniza sua personagem e leva o leitor a se envolver com sua história de vida. Malala sofreu um atentado que quase lhe tirou a vida por não ter medo de denunciar a repressão vivida no Vale do Swat, no Paquistão, dominado pelo Talibã - Movimento Fundamentalista Islâmico Nacionalista. Se é no romance-reportagem que se dá de maneira mais clara esse entrelaçamento de jornalismo e literatura, busca-se as origens desse gênero, bem como as do jornalismo literário no Brasil. Como recurso metodológico, o artigo usa a pesquisa bibliográfica, recorrendo a autores, como Jacques Le Goff, Pierre Bordieu, Gaye Tuchman e Rildo Cosson.

Palavras-chave: Literatura. Jornalismo subjetivo. Malala.

ABSTRACT: This article aims to discuss to what extent journalism and literature encounter in the juvenile child novel-report *Malala, the girl who wanted to go to school*, by Adriana Carranca, a columnist for the newspapers **O Globo** and **O Estado de São Paulo**. It is believed that, by using a more subjective text, typical of the literary universe, thus avoiding the dry and impartial discourse, the journalist resignifies her production. There is no loss to information, her character is humanized, leading the reader to get involved with her lifestory. Malala suffered an attack which almost took her life since she was not afraid of denouncing the repression experienced in the Swat Valley, Pakistan, a region dominated by the Taliban - Islamic Fundamentalist Nationalist Movement. Taking into account that in the novel-report the engagement between journalism and literature is clearly seen, the origins of this genre are sought, as well as those of literary journalism in Brazil. As a methodological resource, the article uses bibliographic research, under the light of theorists such as Jacques Le Goff, Pierre Bordieu, Gaye Tuchman and Rildo Cosson.

Keywords: Literature. Subjective journalism. Malala.

¹Doutorando em Letras – Estudos Literários.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0122-8894>.

²Mestranda em Letras – Estudos Literários. Bolsista Capes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3049-3937>..

Introdução

Os dois autores deste artigo são alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora. São professores de Língua Portuguesa e Literatura. Também são jornalistas. Estão acostumados com a rotina corrida de uma redação, onde, para dar conta das urgências da profissão, do horário de fechamento do jornal e das exigências do editor, muitas vezes, precisam seguir à risca o que fora ensinado a eles na Academia: construir um texto ancorado na técnica do lead e da pirâmide invertida³. Nada de escrever uma matéria mais subjetiva e envolvente. Isso porque, no meio jornalístico, há quem ainda acredite, sem críticas, no mito da objetividade, como se, ao seguir certos critérios na construção da notícia, como, por exemplo, escrever em terceira pessoa e deixar informações reveladoras entre aspas, o repórter estivesse legitimando o discurso de que está levando ao leitor a pura verdade dos fatos.

No entanto, as mesmas pessoas que creem nessa suposta objetividade se esquecem de que ela pode servir para esconder um processo de construção social da realidade, mediada por repórteres, editores e chefes de redação. Sobre esse assunto, a professora, jornalista e pesquisadora Luciene Fátima Tófoli busca apoio na socióloga norte-americana Gaye Tuchman, a qual defende que a técnica da pirâmide invertida é a maior prova da presença direta do repórter. Tófoli aponta que, para Tuchman (1993apud TÓFOLI, 2016, p. 124), “ao eleger os aspectos que considera mais importantes de determinada notícia, o jornalista está exercendo ali o seu *new judgement*”, isto é, atribuindo aos fatos valores de importância e interesse.

Mas os autores deste artigo também aproveitam as brechas que surgem e produzem reportagens e entrevistas mais envolventes, mais aprofundadas, nas quais não há sinais daquele texto frio do dia a dia. Nessas ocasiões, procuram fazer um jornalismo subjetivo, que humaniza suas fontes, que leva o leitor a se sensibilizar diante da dor do outro. Um trabalho que, muitas vezes, entra no território criativo e sensível da literatura, o que justifica o desejo por produzir um artigo a respeito desse assunto. Aqui, é preciso esclarecer que praticar o jornalismo de subjetividade não quer dizer negar os elementos essenciais a uma reportagem séria e comprometida com a

³ A pirâmide invertida é uma técnica que consiste em expor as informações, seguindo uma sequência decrescente de importância dos fatos, a começar pelo lead, no primeiro parágrafo. O lead deve responder a perguntas básicas: o que, quem, como, onde, por que e quando.

informação. Conforme explica a também professora, pesquisadora e jornalista Fabiana Moraes (2015),

[...] não é possível domar o ambiente da reportagem, como intencionam aqueles cuja pretensão enfraquece a própria prática, mas utilizo o que parece fora da curva a favor da narrativa. Não são desconsideradas as premissas fundamentais de uma reportagem: a clareza, a checagem rigorosa de informações, a busca por respostas que possam esclarecer aquilo que perturba (às vezes de maneira invisível) o mundo sensível. Negar a necessidade da objetividade da notícia seria também como observa Francisco Karam no livro *A ética jornalística e o interesse público*, negar sua subjetividade (MORAES, 2015, p. 24).

Atuando nas duas frentes e cientes de que, muitas vezes, os campos jornalístico e literário entrelaçam-se para o bem da narrativa, os autores deste trabalho propõem o estudo do gênero romance-reportagem **Malala, a menina que queria ir para a escola** (2015), da jornalista Adriana Carranca. Publicada no ano de 2015, apontada como o primeiro romance-reportagem para crianças no Brasil, a obra é um exemplar recente desse gênero que, já em sua definição, apresenta-se híbrido, fruto do encontro de duas narrativas. A proposta é percorrer um caminho que leve a responder de que maneira Adriana Carranca se valerá da literatura para contar, em uma grande reportagem, a história de Malala Yousafzai e discutir a respeito da contribuição do jornalismo subjetivo, o qual é encarado como imprescindível na prática da reportagem que humaniza os personagens.

Em **Malala, a menina que queria ir para a escola** (2015), o leitor depara-se com a história real de Malala, a menina nascida no vale do Swat, no Paquistão, que atíçou a ira dos radicais islâmicos ao decidir lutar pelo direito de continuar estudando. Sua história, marcada por um atentado que quase lhe tirou a vida, foi e é noticiada pelos veículos de comunicação do mundo inteiro. O diferencial do trabalho realizado por Adriana Carranca (2015) no livro é a linguagem, tratada de uma forma a envolver os leitores mirins, e o fato de ela não ter se limitado a relatar com distanciamento o drama da garota. O texto é escrito em primeira pessoa. Adriana coloca-se no livro e, para levantar informações, hospedou-se em uma casa de uma família local, brincou e ouviu histórias com os moradores, e se vestiu com os mesmos trajes das mulheres da região.

Ela provoca o leitor, convidando-o, por meio de uma narrativa que lembra contos de fadas, a viajar por uma terra que, em outros tempos, foi cobiçada por

célebres conquistadores, como Alexandre, o Grande, e protegida por guerreiros pashtuns⁴. Um lugar, segundo ela, onde reis e rainhas, príncipes e princesas fizeram moradia, conforme contou a jornalista em entrevista à coluna Sala de Leitura, da Rádio CBN e do jornal Tribuna de Minas de Juiz de Fora, em julho de 2015. "É um livro com muita fantasia, que parece de mentira, mas é tudo verdade."⁵

Para traçar um estudo a respeito desse encontro entre o jornalismo e a literatura, é preciso não perder de vista que não é de hoje que os dois campos vêm traçando caminhos que ora se cruzam, ora se distanciam. Foi no século XX que o padrão americano de produção de jornalismo chegou ao Brasil. Se, antes disso, fazia-se um texto mais rebuscado e emotivo, com frases longas, a partir desse momento, as orações ficaram mais curtas e diretas. Ao repórter, foi exigido que se usasse a terceira pessoa, com verbos no presente do indicativo, e que abolisse expressões mais enfáticas ou eufemísticas. Os jornais lançaram mão de um manual de redação para ensinar os profissionais a escrever de acordo com as novas regras. O novo modelo vai ao encontro da chamada Indústria Cultural -expressão criada pelos expoentes da Escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer – que fez com que a imprensa ficasse cada vez mais atrelada aos padrões de consumo da sociedade capitalista.

Nesse contexto, para os profissionais, era necessário pensar em uma forma de fugir da superficialidade da rotina diária das redações e alcançar um jeito novo, diferente e criativo de levar informações ao público, ávido por se aprofundar em grandes questões do cotidiano. Em **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra** (2002), Castro e Galeno chamaram atenção para o fato de o que modelo de jornalismo que foi introduzido seguindo o padrão americano e que é praticado até hoje nos veículos de comunicação está agonizando. Diante disso, considera-se importante exercer um jornalismo que tenha coragem de lançar mão da subjetividade, reconhecendo-a como uma aliada na prática da grande reportagem, aquela que, talvez, por causa das imposições das redações, só pode ser praticada mais livremente no suporte livro.

A fim de discutir sobre tais questões, este artigo passa por fatos históricos relacionados ao entrecruzamento entre jornalismo e literatura, com destaque para o

⁴Os pachtuns são um grupo etnolinguístico.

⁵<http://www.tribunademinas.com.br/entrevista-com-adriana-carranca-jornalista/>

período de surgimento do livro-reportagem, veículo de comunicação nascido como um espaço onde os profissionais têm a oportunidade de escrever com liberdade, longe da rigidez do jornalismo cotidiano. Também será aberta uma discussão a respeito das contribuições trazidas pela linguagem subjetiva ao trabalho jornalístico, a fim de buscar uma narrativa mais humanizada, partindo de uma breve análise do livro infantojuvenil, de Adriana Carranca. Jacques Le Goff, Pierre Bourdieu e outros estudiosos serão importantes para o percurso que será percorrido neste trabalho.

Um jornalismo impregnado de literatura

No livro **O nascimento de Joyce: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem** (2015), Fabiana Moraes ressalta que o sociólogo Girardi Júnior clama por uma conversa séria entre jornalistas com outras áreas do conhecimento, como a antropologia e a literatura, sendo esta última referência antiga para os que decidem atuar na imprensa. Nomes conhecidos transitaram entre os dois campos, entre eles Baudelaire, Balzac, Tolstói e Dostoiévski.

No Brasil, a proximidade entre jornalismo e literatura sempre existiu, pois, desde sua primeira fase histórica, entre 1789 e 1830, denominada de político-literária, o jornalismo era feito, em sua maioria, por escritores, como é o caso de Machado de Assis. Por ter sido um momento de grande efervescência política, visto que o mundo estava passando pela Revolução Francesa e as revoluções burguesas, que questionavam poder, autoridade e status da nobreza e do clero, os jornais se tornaram instrumentos para a crítica política. É nesse momento que surgem dois estilos literários que buscavam retratar as condições da época, através da exatidão, objetividade e análise dos fatos, o realismo e o naturalismo. De acordo com Proença Filho (1969), para Eça de Queiroz, um dos grandes escritores realistas portugueses, diferentemente do Romantismo, que era o auge do sentimento, no realismo impera a autonomia do caráter. O escritor pinta a realidade, assim como ela é, para mostrar o que tem de errado ou de mal na sociedade.

[...] esta tendência literária – o naturalismo – surge na história sempre quando a sociedade passa por profundas transformações e momentos difíceis. Esta ânsia pelo contemporâneo e seus temas é alvo dos escritores, que buscavam através destas temáticas, levar um retrato do seu tempo, para que os leitores possam refletir e entender seus dilemas (FERREIRA; VARGAS, 1992, p. 16).

Contudo, pode-se afirmar que, no Brasil, é com João Paulo Alberto Coelho Barreto, conhecido como João do Rio, que o jornalismo fica ainda mais impregnado de literatura. Era por volta de 1900, o Rio de Janeiro modernizava-se, passava por grandes mudanças, e o jornal estava se definindo como Indústria. Motivos que acabam interferindo na sua maneira de fazer jornalismo. O grande destaque do seu trabalho é que ele propõe uma nova categoria profissional e levanta a questão até hoje controversa sobre onde termina o jornalismo e onde começa a literatura.

Seus textos chamavam a atenção do público. Apresentavam uma tendência à humanização dos personagens e características narrativas que levariam mais tarde à reportagem de reconstituição histórica. Era um processo desconhecido de buscar e apresentar informações, um modelo ignorado de impressionar o leitor. Por isso, suas reportagens eram lidas com avidez e causavam um grande alvoroço, ainda que houvesse pessoas que dissessem que aquilo não passava de invenção de alguém com um cérebro muito fantasioso. Ferreira e Vargas (1992) afirmam que João do Rio inaugurou as bases de um jornalismo interpretativo, ao fazer contextualizações, buscar antecedentes e humanizar seus personagens.

Estudiosos apontam que o *New Journalism*, novo estilo de jornalismo, nascido nos Estados Unidos, na década de 1960, mais interpretativo e que propõe um avanço nas reportagens, influenciou o chamado romance-reportagem brasileiro. Um gênero que, lançando mão do real e da ficção, está na fronteira dos dois discursos, o jornalístico e o literário. Conforme Cosson (2002), o romance reportagem, teoricamente, pode ser encarado como um gênero que é resultado do entrecruzamento do gênero “literário” romance com o gênero “não-literário” reportagem.

Pensadores como Muniz Sodré e Helena Ferrari consideram **Os sertões**, obra publicada por Euclides da Cunha em 1902 e que narra a Guerra de Canudos, no interior da Bahia, como o primeiro livro-reportagem brasileiro. E pode-se afirmar que esse gênero foi usado com veemência no período da ditadura militar. Por ter sido um momento em que a censura tentava impedir a publicação nos jornais de qualquer fato que colocasse em xeque a política do novo regime e a imagem dos governantes, os jornalistas passaram a buscar outras formas de mostrar a realidade. Já que não se podia escrever nos jornais, eles passaram a relatar os acontecimentos e mostrar as injustiças e as consequências da repressão em livros. Os romances-reportagem

passaram, então, a ser uma proposta inovadora de fazer frente aos abusos do regime militar.

Deve-se salientar que os jornalistas seguiram por este caminho não só por causa da repressão, mas, também, porque encontravam no romance-reportagem um espaço não mais presente na imprensa. Também é necessário destacar que a utilização dos romances-reportagem neste período da ditadura militar mostra uma retomada ao modelo de narrar do realismo/naturalismo, que fazia uma crítica à sociedade da época. Para além de ser um tipo de reportagem mais alongada, o uso do naturalismo como estratégia narrativa pode ser considerada um estreitamento de laços entre as duas práticas discursivas, a jornalística e a literária.

Existem muitos escritores/jornalistas que lançam mão desse recurso para escrever uma reportagem mais longa, aprofundada e criativa sobre um determinado assunto, seja pelo gosto pela prática literária ou por não conseguirem espaço suficiente na imprensa diária. Para isso, misturam as técnicas literárias com as jornalísticas. Na opinião de Lima (1995), o romance-reportagem é o resultado mais latente da união entre jornalismo e literatura, pois busca uma linguagem aprofundada, que tem a finalidade de intensificar a utilização de elementos narrativos para estruturar seu relato. Por isso, é um sistema híbrido. Ele incorpora elementos jornalísticos, como pauta temática, redação e edição, com características literárias, como é o caso dos elementos narrativos, mercado, público e esquemas de distribuição.

Quem é Malala Yousafzai e a jornalista que contou sua história?

O ano é 1997. Em Mingora, no Vale do Swat, no Paquistão, nasce Malala Yousafzai. Ela é filha de Tor Pekai e de Ziauddin Yousafzai. Seu pai é proprietário da escola Khushal, e Malala é criada nos corredores da instituição. Seu nome foi escolhido pelo pai em homenagem a Malala Maiwand, uma poetisa e guerreira pashtun, chamada de Joana D'Arc afegã. Contrariando o destino reservado à maioria das mulheres muçulmanas, as quais, normalmente, ficam restritas ao ambiente doméstico devido aos rígidos costumes da sociedade em que vivem, Malala fez-se uma menina de opiniões fortes e que queria estudar. Desde cedo, acompanhava o pai em reuniões e eventos públicos e questionava a repressão das mulheres em seu país.

Em 2012, ela criou o Fundo Malala⁶ e, dois anos mais tarde, aos 17 anos, ela chamou a atenção do mundo, ao se tornar a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz⁷. O que a faz merecer a honraria é a luta que encabeça, desde pequena, pela defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação em sua região natal. Há mais de 2 mil anos povoado pelos pashtuns, como Malala, o Vale do Swat sempre foi uma região conservadora do país islâmico, mas o governo assegurava às meninas o acesso à escola. Entretanto, a partir de 2007, o Talibã, movimento fundamentalista islâmico nacionalista, ocupou o lugar, ameaçando quem fosse contra as tradições islâmicas mais radicais. A educação tornou-se alvo frequente da organização, que ordenou o fechamento de escolas para meninas.

Malala tinha 12 anos quando recebeu o convite da Rede Inglesa de Televisão e Rádio BBC para relatar, em um blog, como era o cotidiano no Vale do Swat durante a ocupação Talibã. Ela usava um pseudônimo e conseguiu ficar no anonimato durante um bom tempo, até que, no dia 9 de outubro de 2012, quando saía da escola, sofreu um atentado terrorista em um ônibus escolar. A bala que a atingiu entrou perto do olho esquerdo, explodiu parte do crânio e percorreu o interior da pele até o ombro esquerdo, deixando a garota inconsciente e em estado grave. Ao apresentar melhora em sua condição clínica, foi transferida para um hospital em Birmingham, na Inglaterra, país em que reside com a família. Em 2020, ela concluiu o curso de Filosofia, Política e Economia, pela Universidade de Oxford.

Na entrevista à coluna Sala de Leitura, da Rádio CBN e do jornal Tribuna de Minas de Juiz de Fora⁸, Adriana Carranca conta que foi convidada, pela Companhia das Letras, a escrever um livro sobre a Malala no dia seguinte à publicação de uma matéria que ela fez sobre o atentado da garota paquistanesa. A jornalista afirma que tem um olhar especial sobre as condições das mulheres, e ela já era conhecida por fazer reportagens sobre conflitos, tolerância religiosa e direitos humanos, sendo autora de outros dois livros que retratam o universo muçulmano, **O Irã sob o chador**, lançado em 2010, em parceria com a também jornalista Márcia Camargos, e **O Afeganistão depois do Talibã**, publicado em 2011. Ela cobriu a guerra no Paquistão

⁶Organização criada em 2012 que luta pela educação e inclusão das mulheres.

⁷ Prêmio criado em memória do magnata sueco Alfred Nobel. Ele é entregue anualmente pela Fundação Nobel a pessoas que contribuem com a paz no mundo

⁸<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/14-07-2015/entrevista-com-adriana-carranca-jornalista.html>

e Afeganistão, onde estava quando Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda, foi morto em uma operação dos Estados Unidos.

Como especialista em cobertura internacional, já foi enviada especial a lugares, como Haiti, Iraque, Egito e territórios palestinos. E por seu trabalho como jornalista já recebeu prêmios importantes, como o Esso⁹ de Jornalismo. Por sua atividade como escritora, foi contemplada com o Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil¹⁰ e Juvenil e duas vezes finalista ao Prêmio Jabuti¹¹. Ela fez mestrado em Políticas Sociais e Desenvolvimento feito na London School of Economics (LSE), foi correspondente na Organização das Nações Unidas, pesquisadora convidada do Instituto Reuters para Estudos do Jornalismo, na Universidade de Oxford, e integrou o Projeto de Reportagem Internacional, da Universidade Johns Hopkins.

A subjetividade em *Malala, a menina que queria ir para a escola*

Decidida a seguir atrás de sua heroína, a menina que aprendeu, desde pequena, a defender aquilo em que acreditava e lutou pelo direito de continuar estudando, Adriana Carranca (2015) munuiu-se de lanterna e manivela, mosquiteiro, gás de pimenta e o que mais cabia dentro da mochila, e partiu. Atravessou o Atlântico e a África até o deserto, cruzou o mar Arábico e seguiu em direção às montanhas, onde Malala vivia. Por lá, os perigos eram muitos, o que obrigou a jornalista a se disfarçar e a se esconder na casa de uma família da região.

Na introdução da obra, ela conversa com seu leitor como se estivesse contando uma história, esquivando-se das principais características que, acredita-se, são encontradas, diariamente, nas páginas de um jornal: a objetividade e a impessoalidade. Voltando às considerações de Lima (1995) sobre o romance-reportagem ser o resultado mais latente da união entre jornalismo e literatura, observou-se que em **Malala, a menina que queria ir para a escola**, Adriana Carranca fez uso de elementos jornalísticos, como pauta temática, redação e edição, mas também de características literárias, como os elementos narrativos - personagens, conflito, clímax e desfecho.

⁹ O Prêmio Esso é considerado a mais importante distinção conferida a profissionais de imprensa no Brasil. A última edição ocorreu em 2015.

¹⁰ Anualmente, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil premia, em 18 categorias, os melhores livros desse gênero. Também concede os selos de "Altamente Recomendável" e "Acervo Básico".

¹¹ Prêmio concedido pela CBL, Câmara Brasileira do Livro. É considerado um dos mais importantes prêmios literários do Brasil.

Tudo o que vou contar aqui aconteceu de verdade. É incrível que tenha sido assim, mas foi. Eu sei porque eu estive lá. Atravessei meio mundo com uma missão: descobrir o que aconteceu de verdade com uma menina chamada Malala Yousafzai e por que ela estava sendo perseguida. Eu recebi essa missão porque é isso que os jornalistas fazem: investigam, bisbilhotam tudo, plantam perguntas e colhem histórias (CARRANCA, 2015, p. 7).

Inicialmente, **Malala, a menina que queria ir para a escola** seria um livro-reportagem adulto. Só depois veio a ideia de ter as crianças como público-alvo. Já que é para os pequenos que Adriana Carranca escreveria, ela foi estudar literatura infantil com o professor Cláudio Fragata, que ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura Infantil no ano de 2014, com **Alfabeto escalafobético**. Era preciso entrar no universo do faz-de-conta, ainda que os fatos fossem reais. A obra traz ilustrações, mapa e fotografias. Como resultado, ficção e realidade se misturam nessa empreitada.

Tudo o que eu achava para crianças destacava num arquivo do lado. Chegou um momento em que achei que o arquivo do lado estava muito mais legal, interessante e cativante do que aquela análise política que eu estava tentando fazer da região. [...] As coisas foram surgindo, as coisas de os talibãs serem homens barbudos da montanha, por exemplo. O livro tem personagens da literatura infantil, como o Barba Azul. Essa história de um povo valente, guerreiro, que são os pashtuns, e desses conquistadores que nunca conseguiram conquistar esse povo, foi crescendo¹².

Adriana Carranca mergulhou no cotidiano do povo que vivia no vale do Swat. Diariamente, ela convivia com oito crianças e mulheres, que moravam na casa onde ela ficou hospedada. Brincava com elas, e, à noite, sem energia elétrica no local, assentava em volta do fogo e ouvia histórias contadas pelo avô das crianças. Também foi à escola onde Malala estudava e conversou com os amigos dela. Ao final da história, contada com riqueza de detalhes, o leitor tem a sensação de ter entrado no universo de uma verdadeira "Cinderela dos nossos tempos", usando as palavras de Adriana em entrevista à coluna Sala de Leitura. "Uma heroína que sofre com a opressão, com a violência, mas que, ainda bem, vive um final feliz."¹³

O jornalista tem o livro como mais uma alternativa de publicar seus trabalhos. No livro, ele possui a liberdade de escrever o que foi pesquisado sem a obrigação de seguir as regras do manual de

¹²<http://www.tribunademinas.com.br/entrevista-com-adriana-carranca-jornalista/>

¹³<http://www.tribunademinas.com.br/entrevista-com-adriana-carranca-jornalista/>

redação. Não há pretensão de mostrar as reportagens publicadas na imprensa como menos apuradas e elaboradas na escrita. Elas explicam os acontecimentos, mas o leitor pode ter uma visão simples. É, sim, mostrar que o romance-reportagem consegue ir além dessa visão, oferecendo uma leitura que poderá provocar reações tais como as de dúvida, contestação, furor, alegria, indignação e tristeza (LARANGEIRA; VIEIRA, 2010).

Ressalta-se que, por inúmeros motivos, com destaque para o maior espaço destinado ao texto, nos livros-reportagem, o jornalista-escritor tem a oportunidade de fugir da superficialidade do factual, trabalhando com mais afinco temas de interesse público. Porém, muitos livros-reportagem originam-se a partir de assuntos que já foram trabalhados na imprensa diária, com a finalidade de dar novas angulações ao que já foi publicado. E é nesta singularidade de aprofundar e quebrar os limites do próprio jornalismo que reside a característica essencial de um livro-reportagem. Ele informa em um ambiente propício para experimentações.

Cosson diz que o narrador de um texto real procura validar seu discurso pela apresentação de uma origem, por ser segura e confiável, que dê garantia de autenticidade. No romance-reportagem, a origem está ligada a uma reportagem que possui a garantia de veracidade por ter sido veiculada nos outros meios de comunicação. Geralmente os fatos reportados numa manchete de jornal, internet, rádio ou televisão são a primeira semente de um futuro romance-reportagem (LARANGEIRA; VIEIRA, 2010).

Sabe-se que, segundo as regras básicas do jornalismo, para um assunto ser de interesse público e virar notícia, alguns critérios de noticiabilidade devem ser seguidos, mas, no livro-reportagem, vários aspectos do jornalismo tradicional tomam outra conotação. Nesse novo formato, a periodicidade passa a ser interpretada como uma maneira de prolongar os fatos, diminuindo sua perecibilidade, o que extrapola o sentido de repetição regular, como acontece na imprensa diária. O livro-reportagem também permite um retorno ao passado recente, amplia significados e dá sobrevida aos fatos. Um ponto de encontro entre os jornais e o livro-reportagem é a universalidade. Isso se considerarmos esse conceito como diversidade temática, pois, neste veículo, pode-se trabalhar com vários assuntos. Já o imediatismo da notícia não encontra lugar nesta grande reportagem. A informação passa a se situar na contemporaneidade, e o conceito de atualidade adquire novos contornos, passando a enfatizar o contexto e não o fato central.

A prisão do jornalismo comum em torno da atualidade o impede de buscar as raízes, um pouco mais distantes no tempo, que explicam melhor as origens dos acontecimentos, bem como as motivações dos atores envolvidos. Em lugar da atualidade, o jornalismo de profundidade deve buscar ler a contemporaneidade, um conceito muito mais elástico do tempo presente, que transcende o meramente atual para focalizar com grande pertinência as implicações, hoje de eventos que não se deram apenas ontem, mas sim há anos, décadas, talvez (LIMA, 1993, p. 19 - 20 *apud* LAVORATI; TEIXEIRA, 2007, p. 2).

Aqui, é preciso buscar auxílio nos ensinamentos de Jacques Le Goff. Para o historiador francês, toda a narrativa tem um grau de imaginação. Dessa forma, por que não abordar os pontos de contato entre a objetividade e a subjetividade? Para tanto, Le Goff acha necessário buscar em Génicot uma primeira distinção entre objetividade e imparcialidade.

A imparcialidade é deliberada, a objetividade inconsciente. O historiador não tem o direito de prosseguir uma demonstração, de defender uma causa, seja ela qual for, a despeito dos testemunhos. Deve estabelecer e evidenciar a verdade ou o que julga ser a verdade. Mas é lhe impossível ser objetivo, abstrair das suas concepções de homem, nomeadamente quando se trata de avaliar a importância dos fatos e as suas relações causais (GÉNICOT, 1980, p. 112 *apud* JACQUES LE GOFF, 2008, p. 29 - 30).

Le Goff ainda ressalta que os dados e fatos não são absolutos. Apresentam-se confusos e misturados. É necessário perceber os equívocos, suas estruturas, mudanças, permanências e dinâmicas dos eventos. É justamente na mistura entre o discurso real e ficcional que Adriana Carranca percorreu na criação de sua obra, o que pode ser verificado já nas primeiras páginas da publicação, onde ela relata que “num passado não muito distante, o Swat foi habitado por príncipes e princesas, reis e rainhas, como nos vales encantados dos contos de fadas, só que de verdade.” (CARRANCA, 2015, p. 13). Para contar a história de Malala, a jornalista não economiza na adjetivação, normalmente distantes de um jornalismo que busca ser fiel à crença cega na objetividade. Sua atitude deixa transparecer que ela se coloca ao lado da menina, humanizando-a e fazendo o leitor entender que a causa pela qual a ativista luta é importante e encontra ecos entre outras garotas que vivem no Paquistão. “E o que fazia Malala ser tão especial? O querer saber, oras. Às vezes, ela perguntava às pessoas, outras aos livros, mas não ficava sem resposta. Era essa vontade grande de saber que a fazia especial” (CARRANCA, 2015, p. 345).

Os predicados da garota voltam a ser ressaltados em outras partes, como quando a autora descreve o momento em que Malala recebe a notícia de que os talibãs haviam anunciado pelo rádio que às meninas era proibido ir à escola. “Ela ia dizer ‘médica’, mas mal conseguiu terminar a frase. Levou as mãozinhas delicadas ao rosto, emoldurado pelo véu cor-de-rosa e chorou” (CARRANCA, 2015, p. 44).

Em seu percurso por mostrar que a busca pela objetividade pode gerar manipulações muito mais complexas, Le Goff alerta que “toda tentativa de compreender a realidade (histórica) sem hipóteses subjetivas só conseguiria chegar a um caos de ‘juízos existenciais’ sobre inúmeros acontecimentos isolados.” (MAX WEBER, 1958, p. 177 *apud* LE GOFF, 2003, p. 32). Ele também enfatiza que “(...) a objetividade histórica não é a pura submissão dos fatos” (LE GOFF, 2003, p. 32).

Vale aqui destacar que, no correr das redações de jornais, existe uma busca incessante por uma objetividade defendida na academia. Uma objetividade que passa pela subjetividade, ainda que inconscientemente, até mesmo na hora em que o repórter, ao voltar da rua com as entrevistas coletadas, escolhe começar a matéria com o depoimento de uma ou outra fonte. A partir do momento em que há registro, há elaboração. Pierre Bourdieu discorreu sobre esse assunto em **Sobre a televisão** (1997). Na obra, o sociólogo francês menciona que os profissionais da imprensa “têm ‘óculos’ especiais”, com os quais seleciona uma informação em detrimento de outra. De acordo com ele, os jornalistas “veem certas coisas e não outras, e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular” (BOURDIEU, 1997, p. 25). Todas essas considerações revelam, portanto, que é um equívoco lutar contra a subjetividade no jornalismo, até porque, como ressalta Fabiana Moraes (2015), princípios, como exatidão, descrição correta dos fatos e fidelidade a textos e documentos, não eliminam a subjetividade. Pelo contrário, em matérias escritas com mais rigor, ela consegue ser mais praticada e absorvida.

A objetividade é resultado da subjetividade humana. Mas também a subjetividade se forma pela objetivação do mundo e dos fatos provocados por pessoas. O processo entre objetividade e subjetividade é dialético e a negação da existência da objetividade serve mais à desideologização social do que ao conhecimento público das coisas que, produzidas subjetivamente, refletem-se objetivamente (KARAN *apud* MORAES, 2015, p. 25).

Fabiana Moraes, no entanto, vai além, recorrendo aos estudos do professor Luiz Mottapara mostrar que, simultaneamente, é preciso compreender que é subjetivamente que se constrói a objetividade.

Ao mesmo tempo, é necessário entender que essa objetividade é construída subjetivamente, e que as notícias são como são, como escreve Luiz Motta no artigo “Antropologia da notícia: narrativa jornalística e instituição imaginária do mudo”, falando mais especificamente da linguagem jornalística, local da coexistência do *logos* (razão, fatos históricos) e do *mythos* (o bem e o mal, o passado e o futuro, o feio e o bonito). É espaço da objetividade, mas com o caráter de fábula, presa a matrizes mitológicas. Se não podemos abrir mão, no texto jornalístico, de uma metodologia objetiva, também é impossível aos repórteres manterem-se exatamente neutros (MORAES, 2015, p. 25 - 26).

Ao escrever sobre a vida de Malala sob a forma de um romance-reportagem, Adriana Carranca não economizou nos recursos para ressignificar sua produção jornalística, utilizando um texto repleto de figuras de linguagem, próprias da literatura. É importante enfatizar que os relatos que chegam até os leitores, nessa obra, não perdem em qualidade de informação, pois confia-se que entrou em questão, senão o critério da tão almejada imparcialidade, a busca por um relato que tira o outro da invisibilidade e a serviço de um trabalho mais bem apurado e profundo.

Mais uma vez, deve-se dizer que o trabalho da jornalista derruba o discurso de que reportagem séria não pode estar atrelada a um jornalismo subjetivo. Como argumenta Fabiana Moraes (2015), praticá-lo não é negar a técnica, é incorporar o Outro em sua plenitude, é captar as pessoas em sua integralidade, é estar aberto a considerar o que acontece enquanto o repórter aproxima-se do personagem, é não escrever o que já está previamente e precariamente previsto e escrito. “É, certamente, um caminho para minar clichês e lugares-comuns que tantas vezes só engessam nosso olhar sobre o mundo” (MORAES, 2015, p. 159).

Considerações finais

A rotina de uma redação sujeita o repórter a prazos curtos para entregar não uma, mas várias matérias em um só dia, impedindo que reportagens profundas sejam produzidas cotidianamente. Embora isso não possa ser visto como uma justificativa para não se produzir textos mais complexos, conforme Fabiana Moraes, endossando as palavras da jornalista e pesquisadora Sylvia Moretzsohn, assinala - “a suspensão

do tempo que ligamos à produção da arte e da ciência, suspensão que estaria sempre em litígio com o trabalho de cunho industrial [...], também pode ser justaposta a essa atividade diária” (MORAES, 2015, p. 169) - é claro que impõe restrições ao trabalho criador do jornalista. E é aí que se faz necessário aproveitar as fissuras que se apresentam para a produção de um jornalismo de subjetividade, que conversa com outros campos do saber, como a literatura.

Teoricamente bem sustentada, a defesa do jornalismo de subjetividade é, a rigor, um apelo à valorização do jornalismo que honra sua tradição iluminista de esclarecer o público, o que exige ir contra o senso comum – isto é, contra os cânones sacralizados de interpretação da realidade, que nos levam a aceitar o que deveria ser combatido. Coerentemente, é também uma convocação a que os jornalistas assumam sua autonomia e sejam capazes de produzir narrativas críticas e sensíveis, que confrontem o público com o que ele talvez não deseje, mas certamente precisa saber (MORETZSOHN, 2015, p. 14 - 15).

Neste ponto, os autores deste artigo consideram que lançar mão do romance-reportagem seria, possivelmente, um dos melhores meios de escrever com liberdade criativa e driblar a falta de tempo e o imediatismo, exigido nas redações, visto que temas, como os abordados na obra infantojuvenil de Adriana Carranca – terrorismo e repressão às mulheres muçulmanas - não são habitualmente trabalhados com profundidade na grande mídia.

Com os apontamentos do historiador francês Jacques Le Goff, percebeu-se que é infundada a dicotomia entre o que é factual e o que é ficcional, já que, em toda narrativa, há certo grau de imaginação envolvida. O sociólogo Pierre Bourdieu também contribuiu com essa perspectiva ao mencionar que os jornalistas selecionam determinadas informações. Portanto, mesmo inconscientemente, há elaboração. O mais produtivo para o leitor é que sejam abordados os pontos de contato entre os dois discursos, pois a busca cega pela objetividade pode levar a manipulações muito mais complexas. Observou-se que, ao escrever um texto mais literário, em **Malala, a menina que queria ir para a escola**, Adriana acabou aproximando-se mais de sua personagem e, conseqüentemente, produziu uma narrativa mais profunda e humanizada.

Referências

- BARROS, M. A. L. de A. **Jornalismo e literatura**: uma simbiose a favor do leitor. Análise do romance-reportagem O beijo da morte, de Carlos H. Cony e Anna Lee. 2011. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social). Universidade Salgado de Oliveira, Juiz de Fora.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CARRANCA, A. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CASTRO, G. de; GALENO, A. (orgs). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.
- COSSON, R. **Romance reportagem**: o gênero. São Paulo: UNB, 2001.
- FERREIRA, N.T.; VARGAS, G.R. **Novos rumos do jornalismo** – Uma análise do livro-reportagem através de Olga, de Fernando Moraes. 1992. 160f. Projeto Experimental (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- LARANGEIRA, A. N.; VIEIRA, L. **O romance-reportagem como matriz de um novo gênero jornalístico**: o jornalismo compreensivo. Disponível em: <<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/c6/gt1texto003.pdf>>. Acesso em: 29 out.2013.
- LAVORATI, C.; TEIXEIRA, N.C. R. B. **O Romance reportagem e a crítica social**. Disponível em: <<http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/viewArticle/200>>_. Acesso em:31ago.2020.
- LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- LIMA, E.P. **O livro-reportagem como extensão do jornalismo impresso**: realidade e potencialidade. 1990. 334f. Tese (doutorado em Comunicação social). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Unicamp, 1995.
- LOURES, M. Entrevista com Adriana Carranca, jornalista. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 14 jul. 2015. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/14-07-2015/entrevista-com-adriana-carranca-jornalista.html>>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- MORAES, F. **O nascimento de Joicy**: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORETZSOHN, S. Sensibilidade e senso crítico. *In*: MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015. p. 11 - 15.

PROENÇA FILHO, D. **Estilos de época na literatura**: (através de textos comentados). 2. ed. Rio de Janeiro: Linceu, 1969.

TÓFOLI, L. F. **Nelson Rodrigues na curva de Möbius**: entre os campos literário e jornalístico. 2016. 247f. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Estudos Literários) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.



Recebido em 29 de agosto de 2020
Aprovado em 22 de outubro de 2020